

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES
MESTRES DE HOLLYWOOD
9 de Dezembro de 2023

ROOKIE OF THE YEAR / 1955

Um telefilme de John Ford

Realização: John Ford / Argumento: Frank Nugent, baseado numa história de W.R. Burnett / Direcção de Fotografia: Hal Mohr / Interpretação: Pat Wayne (Lyn Goodhue), Vera Miles (Rose Goodhue), Ward Bond (Larry Goodhue, vulgo Buck Garrison), James Gleason (Ed Willis, chefe da redacção), John Wayne (Mike, um repórter).

Produção: Hal Roach Studios (episódio da série Screen Directors Playhouse) / Cópia digital, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 26 minutos / Estreia Mundial: Dezembro de 1955 / Inédito comercialmente em Portugal. (Exibido na Cinemateca em 1983, na retrospectiva John Ford).

FLASHING SPIKES / 1962

Um telefilme de John Ford

Realização: John Ford / Argumento: Jameson Brewer, baseado na novela de Frank O' Rourke / Fotografia: William H. Clothier / Cenários: John McCarthy e Martin C. Bradfield / Música: Johnny Williams / Interpretação: James Stewart (Slim Conway), Jack Warden (Comissário), Pat Wayne (Bill Riley), Edgar Buchanan (Crab Holcomb), Tige Andrews (Caby Lasalle), Carleton Young (Rex Short), Willis Bouchee (Presidente da Câmara), Don Drysdale, Stephanie Hill, Charles Seel, Bing Russell, John Wayne e Fred Astaire

Produção: Frank Bauer para Avista Productions-Revue / Cópia: digital, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 50 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. (Exibido na Cinemateca em 1983, na retrospectiva John Ford)

**

AVISO: A cópia de **Flashing Spikes**, sendo digital, foi feita a partir de material videográfico de muito má qualidade, com uma imagem de pouquíssima definição. Dada a raridade do filme, e da própria essência deste ciclo, decidimos não abdicar dele; em compensação, é óptima a cópia, igualmente digital, de **Rookie of the Year**.

Depois de **Mister Roberts**, a carreira de John Ford parecia terminada. **The Sun Shines Bright**, o seu filme mais acarinhado, não fora bem recebido pelo público e **Mr. Roberts** foi o episódio negro que se conhece, cavando a separação entre o cineasta e Henry Fonda. Parecendo sublinhar esse período terminal, surge a John Ford a possibilidade de fazer dois trabalhos para a televisão. O primeiro deles, **Bamboo Cross**, é a história de duas freiras católicas vivendo na China comunista uma aventura paralela à que John Ford virá a desenvolver, mais tarde, no último filme da sua obra, **Seven Women**. **Rookie of the Year** foi o segundo filme, realizado imediatamente a seguir. Diz Lindsay Anderson que, com **Bamboo Cross** e **Rookie of**

the Year, John Ford voltava ao ponto de partida, ao divertimento popular, mas, faz notar, os tempos de inocência tinham ido e a televisão ali estava. **Rookie of the Year**, episódio da série "Screen Directors Playhouse", parece corroborar a asserção de Anderson. Se lembrarmos que, com **The Searchers** e **Wings of Eagles**, Ford atinge, e aqui faz lei a opinião pessoal de quem assina esta "folha", o ponto mais alto da sua obra, vale a pena perguntar em que medida é que **Rookie of the Year** deixa ou não adivinhar os anos bons que vêm a seguir. Excluindo a presença de um "triângulo" (Wayne-Bond-Miles) que se repetirá em **The Searchers**, não será difícil concluir que qualquer semelhança é pura coincidência. Há evidentemente o rigor de enquadramento de Ford que persiste. Há ainda nalguns planos a carga afectiva e "masculina" do realizador (Wayne e o miúdo na redacção do jornal, Wayne e o jogador de baseball nos vestiários - o jogador é Pat Wayne, filho de John Wayne e que "vinha" de um esboço de romance nos mares do sul de **Mr. Roberts** - e, por fim, Wayne e Bond na única aparição deste). E há as faltas. Ou melhor, a falta. Falta a **Rookie of the Year** - sem falar no carácter necessariamente abrége que decorre do modelo de episódio - uma das grandes marcas fordianas: o plano de conjunto.

M.S. Fonseca

Entre 1955 e 1962 John Ford voltou mais duas vezes à televisão, com **The Growler Story** em 1957 e um episódio de uma série "western", **The Wagon Train**, intitulado **The Colter Craven Story**. **Flashing Spikes** foi o último trabalho de Ford para a televisão, e o mais extenso de todos: com quase uma hora de duração, a sua respiração é menos a de uma curta-metragem "esticada" e mais a de uma longa-metragem "abreviada". 1962, recorde-se, foi também o ano de um dos mais fortes candidatos a "magnum opus" de Ford, **The Man Who Shot Liberty Valance**, e a recordação disso faz sentido desde logo porque **Flashing Spikes** reúne vários colaboradores de Ford nesse filme, dos actores (James Stewart, John Wayne) ao director de fotografia (William H. Clothier). E faz sentido, depois, porque embora o contexto narrativo seja muito diferente (é o mundo do basebol, como em **Rookie of the Year**, em pleno século XX), **Flashing Spikes** lida com material aproximável: trata-se também de fazer descobrir os "factos" por detrás da "lenda". E a "lenda", no caso, é que o velho jogador de basebol interpretado por Stewart foi, um dia, culpado de aceitar subornos para desvirtuar a verdade desportiva. O "mundo", representado pelos seus múltiplos acusadores, já decidiu que foi assim, e que ele é culpado. Falta haver um inquérito, uma espécie de julgamento em sede oficial, e esse é o coração de **Flashing Spikes**, que lembra bastante os "filmes de tribunal" de John Ford (**Judge Priest**, **Young Mr. Lincoln**, **Sergeant Rutledge**) mas também lembra que o cineasta parecia, nos seus anos finais, obcecado com esta questão do olhar dos outros, com a questão do "legado" a decidir entre a "lenda" pública e o "facto" privado (que era de algum modo o tema de um dos filmes mais "testamentários" de Ford, o **The Last Hurrah** de 1958). Acresce, ainda, uma componente algo cifrada: a possibilidade de **Flashing Spikes** conter uma alegoria sobre as perseguições do "mccarthyismo" da década anterior, esse processo a que Ford, apesar da sua crescente animosidade para com "os esquerdistas" e "os comunistas", se opôs resolutamente desde a primeira hora. A apologia da personagem de James Stewart – que até usa uma expressão carregada de conotações com os processos mcarthyistas, "naming names" – pode ser vista como uma metáfora, pelo menos parcialmente, para esses negros tempos de Hollywood que só então se começavam a desanuviar.

Luís Miguel Oliveira